



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**CARACTERIZANDO O SUJEITO SURDO**

ALINI MARIOT

[alinihariot@hotmail.com](mailto:alinihariot@hotmail.com)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE- FURG

BRASIL



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **RESUMO**

O presente trabalho analisa os diferentes elementos relacionados ao sujeito surdo. São eles: comunidade surda; povo surdo; e cultura surda. Parte-se do princípio que os indivíduos surdos precisam ter seus valores e sua cultura realmente conhecidos e vivenciados por outras pessoas não pertencentes à comunidade surda, de modo que se possa promover a sua inclusão e seu exercício da cidadania junto aos ouvintes. O problema do trabalho é: como o sujeito surdo se alfabetiza e evolui como ser inerente em uma sociedade. Para tanto, se realizou uma pesquisa exploratória bibliográfica, em que o objetivo foi descrever a relação do surdo com o ouvinte a partir da perspectiva do indivíduo surdo.

### **ABSTRACT**

The present work analyzes the different elements related to the deaf subject. They are: deaf community; Deaf people; And deaf culture. It is based on the principle that deaf individuals need to have their values and their culture really known and experienced by others not belonging to the deaf community, so that their inclusion and exercise of citizenship can be promoted among the hearers. The problem of work is: how the deaf subject becomes literate and evolves as an inherent being in a society. For that, an exploratory bibliographical research was carried out, in which the objective was to describe the relation of the deaf person with the listener from the perspective of the deaf individual.

**Palavras chaves:** Povo Surdo. Cultura Surda. Comunidade Surda.

**Keywords:** Deaf people. Culture Surda. Community Deaf.

### **I. Introdução**

O presente trabalho pode ser considerado uma pesquisa bibliográfica que trabalha com diferentes conceitos relacionados ao universo dos surdos. São eles: o surdo ao longo da sua história, sua cultura, conceitos de povo surdo e comunidade surda. Os surdos precisam ter seus valores e cultura conhecidos e vivenciados por outras pessoas de modo a promover sua inclusão e exercício da sua cidadania junto aos ouvintes. Na atual sociedade, a maioria de pessoas são ouvintes, que por um



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

lado, desconhecem os verdadeiros significados da comunidade surda. Muitas vezes, os surdos encontram às margens das questões sociais, culturais e educacionais, não sendo vistos pela sociedade por suas potencialidades, mas por suas limitações impostas por sua condição. A partir do momento que se conhece o surdo e sua cultura, a sociedade pode passar a ter melhores condições sociais de igualdade perante este povo que, ao longo do processo histórico, vem sofrendo pela opressão ouvintista.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a relação surdo-ouvinte a partir da perspectiva do indivíduo surdo. Procura-se dar destaque a os principais fatos históricos relativos ao povo surdo, como conceitos e pressuposto da perspectiva sócio-antropológica da surdez, da qual se procura conhecer as características da cultura surda, a língua de sinais e as diferentes correntes de ensino nos quais os surdos passaram. São usadas nesta trajetória explorativa - conceitual, diferentes autores, tais como: Felipe e Monteiro (2001), Strobel (2009), Nascimento (2015), Perlin (2004), Magnani (2007), Lane (1992), Quadros e Perlin (2007), Wilcox (2005), Karnopp (2006), Padden e Humphries (2000), Silva (2000), Pinto (2001), Ribeiro (1995). Os objetivos específicos são: identificar quem é o sujeito surdo, descrever o povo surdo; descrever a comunidade surda; e descrever a cultura surda. Através do conhecimento da cultura do surdo pode-se melhor entender o próprio surdo, pode-se respeitá-lo e valorizá-lo em suas diferenças. Para melhor trabalhar essas questões, são discutidos os diferentes períodos históricos pelos quais os surdos passaram, bem como as relações destes com os ouvintes.

### **1. Sujeito surdo e seus processos históricos**

O sujeito surdo que de acordo com Felipe e Monteiro (2001), são aqueles que participam de comunidades, associações na sua própria cidade ou em outras localidades, sendo fatores predominantes dessas comunidades surdas o uso da Língua de Sinais, os esportes e as interações social. Para Strobel (2009), os sujeitos surdos já existiam, há centenas de gerações antes de se dar início a determinados estudos. Entretanto, há muito mais que realmente necessita ser aperfeiçoado e



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

entendido. Para isso, os dias atuais e os problemas e limitações da comunidade surda são consequência da sua trajetória e dos equívocos operados ao longo do tempo.

O povo surdo já existia, voltando muito mais no tempo, centenas de gerações antes de vocês desenvolveram conhecimentos e realizarem transformações que produziram a comunidade surda. No entanto, tem muito mais que ainda precisa ser aprimorado e criado, e para essa tarefa é de importância fundamental o conhecimento do passado, o saber histórico. Esta conquista, a memória viva que define o nosso presente, fornecerá artefatos culturais que permitirão alterar para melhor o mundo do povo surdo (STROBEL, 2009, p. 03).

No relato de acontecimentos na educação de surdos, os pesquisadores investigam o passado das comunidades surdas e dos povos surdos, buscando meios de compreender as suas práticas sociais, políticas, linguísticas, educacionais e culturais. Com isso, pode-se identificar e conhecer acontecimentos e suas consequências das transformações que o povo surdo passou. Pode-se compreender determinadas informações que buscam explicar como são e como funcionam as comunidades surdas nos dias de hoje. Os surdos passaram por diferentes momentos históricos, e para melhor se entender esse processo, Strobel (2009) divide a história dos sujeitos surdos em três importantes fases. São elas: revelação cultural; isolamento cultural; e despertar cultural. Quanto á revelação cultural, tem-se que nesta fase não havia problemas com a educação. A grande maioria dos sujeitos surdos entendia sobre o ofício da escrita e há evidencias de que anteriormente ao Congresso de Milão (1880) já existiam inúmeros surdos, sejam eles: escritores, professores, artistas e outros profissionais surdos de sucesso. Quanto ao isolamento cultural tem-se que em 1880, devido a decorrência do Congresso de Milão, aconteceu um estágio de retraimento da comunidade surda. A língua de sinais foi proibida na educação dos surdos, sendo a mesma considerada prejudicial ao desenvolvimento do surdo. Nesse estágio as comunidades surdas se opuseram a linguagem oral. Quanto ao despertar cultural, tem-se que depois de 1960 se iniciou um novo estágio para do renascimento no ato de aceitar a cultura surda e a língua de sinais. Após longos anos de intolerância ouvintista com os povos surdos, surgiu esse novo estágio. Em 1984, um professor francês surdo, chamado Berthier, afirmou que:

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: A infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a



**XXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

nação nada poderia esperar (BERTHIER, 1984, p.165 apud NASCIMENTO, 2015, p. 1).

As narrações das experiências vivenciadas por surdos mostram que não existem somente os pontos de vistas de médicos, professores ouvintes, políticos, entre outros. Os maiores exemplos, nos dias atuais, são as comunidades surdas e a associação dos surdos que formam um lugar propício para promover novas fontes, mas isto não assegura a totalidade da histórica. Para se entender que é e como funciona, de fato, essas comunidades, é necessário investigar profundamente a comprovação e registro de cada momento histórico (STROBEL, 2009). Como afirma Berthier (1984 apud NASCIMENTO, 2015, p. 1):

A história de surdos registrada segue várias trajetórias, nas quais citarei algumas visões diferenciadas que são por um lado a história da educação dos surdos que contém muito de Historicismo, ou seja, a história escrita onde predomina a hegemonia dos poderosos; a história na visão da influência preponderante e superioridade, e por outro lado, a História Cultural, ou seja, a história na visão das diferentes culturas, em nosso caso, dos povos surdos, que infelizmente tem poucos registros.

Sá (2004, p. 3 apud STROBEL, 2009, p. 30) na mesma linha afirma:

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos.

É importante lembrar que diferentes olhares da história foram, ao longo dos séculos, construindo o “sujeito surdo”. Strobel (2009), por exemplo destaca quais são estes momentos:

O Historicismo/História hegemonia: O historicismo é a doutrina segundo a qual cada período da história tem crenças e valores únicos, devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico; no caso de história de surdos é a valorização excessiva da história do colonizador. Em Estudos Surdos, [...], para os surdos, a definição de historicismo é a história concebida na visão do colonizador, isto é do ouvintismo (STROBEL, 2009, p. 30).

Nos dias de hoje, para efeito de ilustração, seria relevante lembrar os critérios de avaliação dos profissionais quando uma criança é saudável, sendo que considera-se que ser surda é considerada uma criança “deficiente”. Logo, é imposto a ela um rótulo como se fosse uma doença baseado no nível de surdez. A partir deste momento, a preocupação passa a ser minimizar a educação proposta aos ditos normais e considerar que, dessa forma, estão ofertando tratamento clínico-terapêutico para o tratamento desta deficiência (STROBEL, 2009). Nessa visão, os surdos



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

são considerados apenas como deficientes e suas patologias classificados em níveis de surdez. A educação, por outro lado, leva em consideração as características de reabilitação e clínico-terapêutica supondo que a língua de sinais é prejudicial ao seu desenvolvimento.

História na visão crítica: Pode haver historicismo e história cultural que se misturam e usam o jogo de “camuflagem” que aqui indica como “espaço” diante dos olhos como incompleto, como fragmento, corte, máscara, escudo, representação e/ou fingimento. O uso dessa “máscara” pode ser consciente ou não, que pode até estar banhado de dúvidas e/ou dificuldades de aceitação e lutam contra ela, acreditando que esta intenção é sincera, sendo assim que acham mais fácil ignorar do que a ter que conviver com as verdades que por vezes podem ser dolorosas ou medo de se expressar num grupo que luta contra as práticas ouvintistas e não quer “enxergar” o outro lado da história. Mas devesse ter sido visto abertamente de outro modo, de outro ângulo e/ou algo escaparam ao alcance dos seus olhos e não perceberam (STROBEL, 2009, p. 31-32).

Ainda segundo a mesma autora (2009, p. 32), pode-se citar alguns exemplos de prática da história crítica nos dias de hoje como: “[...] Bilinguismo mascarado; Respeito de cultura surda? Relação de Poder: Ouvintes X Surdos”. Na história crítica, para se compreender melhor os surdos, eles são considerados “coitadinhos” que necessitam de auxílio para se desenvolver, e se integrar. Possuem capacidade, porém são dependentes. Por possuírem dificuldades de acompanhamento, a educação, é tida como “auxílio”. A língua de sinais é utilizada como suporte ou recurso (STROBEL, 2009).

História cultural: é uma nova forma de a história de surdos trabalhar dando lugar à cultura e não mais a história escrita sob as visões do colonizador. A História Cultural reflete os movimentos mundiais de surdos procurando não ter uma tendência em priorizar apenas os fatos vivenciados pelos educadores ouvintes, tornando-se uma história das instituições escolares e das metodologias ouvintistas de ensino e sim procurar levar através de relatos, depoimentos, fatos vivenciados e observações de povo surdo, misturando-se em um emaranhado de acontecimentos e ações, levadas a cabo por associações, federações, escolas e movimentos de surdos que são desconhecidas pela grande maioria das pessoas (STROBEL, 2009, p. 31).

A história cultural atual é marcada pelas seguintes perspectivas: artes surdas, piadas, contação de histórias, pedagogia surda, teatro com expressão visual e corporal, comportamentos, artefatos tecnológicos em casas e escolas de surdos como: despertadores vibradores, celulares com torpedos, tdd/ts, campanhas com luz, babá sinalizadores, closed caption, entre outros (STROBEL, 2009). Nessa visão, os surdos são entendidos como indivíduos com práticas visuais. Como as identidades surdas são variadas e portanto, possuem várias facetas, a educação necessitaria, em tese, possuir



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

respeito às desigualdades culturais. A língua de sinais, que é a exibição das desigualdades linguísticas-culturais, que se referem aos surdos (STROBEL, 2009), necessitaria também, possuir o mesmo respeito na estrutura educacional.

Para se entender melhor estes três períodos históricos que os sujeitos surdos passaram, pode-se apresentar as diferentes características históricas, (quadro 1).

Historicismo	História crítica	História Cultural
⇒ Os surdos narrados como deficientes e patológicos	⇒ Os surdos narrados como 'coitadinhos' que precisam de ajuda para se promoverem, se integrar	⇒ Os surdos narrados como sujeitos com experiências visuais
⇒ Os surdos são categorizados em graus de surdez	⇒ Os surdos têm capacidade, mas dependentes.	⇒ As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas
⇒ A educação deve ter um caráter clínico-terapêutico e de reabilitação	⇒ A educação como caridade, surdos 'precisam' de ajuda para apoio escolar, porque tem dificuldades de acompanhar.	⇒ A educação de surdos deve ter respeito à diferença cultural
⇒ A língua de sinais é prejudicial aos surdos	⇒ A língua de sinais é usada como apoio ou recurso.	⇒ A língua de sinais é a manifestação da diferença lingüística-cultural relativa aos surdos

Quadro 1–fases. Fonte: STROBEL, Karin. História da educação de surdos. 2008 (Desenvolvimento de material didático ou instrucional. Curso de Letras-Libras à distância). 2008, p. 32

Pode-se perceber que a história do sujeito surdo passou por diversas concepções. A cidadania do surdo, bem como a sua relação com o ouvinte, sofreu mudanças significativas, mas sem jamais perder a faceta de exclusão.

## 2. OS SURDOS TÊM CULTURA?

O surdo tem seu próprio jeito de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar e de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável (PERLIN, 2004). As pessoas normalmente se perguntam se os surdos têm cultura, tem como pode haver uma cultura surda. Uma questão derivada dessa falta de conhecimento é, por exemplo: será que nas festas dos surdos há músicas? Para



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

responder e refletir o que vem a ser a cultura surda e responder a estes diversos questionamentos, Magnani (2007) argumenta que a experiência de ver dois surdos ou dois indivíduos conversando através da língua de sinais, é suficiente para se perceber que isso acontece e isso existe, embora muitas vezes o senso comum dos ouvintes em possuir dificuldades em registrar. Muitos destas dúvidas surgem porque as pessoas desconhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e muitas vezes acabam fazendo suposições errôneas sobre do povo surdo. Quando se menciona "surdo", quais as imagens que podem vir à mente das pessoas? Lane (1992) relata que “é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte, isto é, para viver "normal", pois segundo a sociedade, é preciso ouvir e fala”.( p 26).

Entre o povo surdo, os sujeitos surdos não se diferenciam um de outro de acordo com o nível de surdez. Para os mesmos, o importante é o pertencimento do mesmo grupo, fazendo uso da língua de sinais e cultura surda. Esses elementos auxiliam na definição de suas identidades surdas. Como exemplo, pode se mencionar um fragmento da dissertação do pesquisador surdo Miranda (2001, p. 08 apud QUADROS; PERLIN, 2007, p. 34-35), “Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença! [...] Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação”.

A cultura surda é o jeito que o surdo compreende o meio e a forma de como se modifica a fim de ajustá-lo em um ambiente mais acessível e habitável com as suas impressões visuais, é tudo aquilo que os auxiliou para a delimitação das identidades surdas e da essência das comunidades surdas. Envolve as ideias, as crenças, a língua, os costumes e os hábitos deste povo. Perlin (2004, p. 77-78) descreve, assim, as identidades surdas:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência o posicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

A cultura surda penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seus valores, normas e comportamentos. Esta cultura é transmitida muitas vezes quando os surdos se encontram em idade mais avançada, pelo fato de





## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

muitos deles terem família ouvintes ou pela imposição ouvintista. Muitas vezes, não frequentam escolas de surdos, ficando sem contato por muito tempo com a comunidade surda.

As comunidades surdas do Brasil têm uma longa história. O povo surdo possui inúmeras tradições em suas organizações. As organizações surgiram por uma necessidade do povo surdo em ter um local, para se reunir, discutir e resistir contra as ações ouvintistas que, na maioria das vezes, não respeitam sua cultura. Um papel de extrema importância é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos, sendo emitido pelos indivíduos surdos de geração em geração. Geralmente são passada por seus líderes surdos, por meio da junção de surdos. Infelizmente, ainda existem muitas famílias que, quando possuem uma criança surda, primeiro procuram as escolas ditas normais, porque estas disponibilizam aos surdos a referência do ouvinte dito "normal", diante da sociedade ouvintista:

[...] Os pais, entretanto, estão numa fase de crise e é pouco provável que sejam críticos relativamente àquele ponto de vista. Se o profissional descrevesse a comunidade dos surdos, tal descrição seria em termos tão concisos que na realidade os pais não veriam uma alternativa para o estatuto e destino da sua criança. O especialista profissional e os pais partilham, geralmente, a mesma cultura dos ouvintes [...]. (LANE, 1992, p. 38).

Há uma grande diversidade de comunidades surdas e cada uma é organizada de forma diferente, dependendo dos interesses e finalidades com os mesmos, como raça, religião, profissão e outras características distintivas, Wilcox (2005, p. 78): afirma que embora o termo cultura surda seja usado frequentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura". São várias as associações de surdos espalhadas em diferentes lugares do mundo, como por exemplo: em Buenos Aires (Argentina), encontramos a Associação dos Surdos Oralizados; nos Estados Unidos, a Associação dos Surdos Negros; e no Brasil a Associação de Surdos Gays, Comunidade dos Surdos Implantados, entre várias outras espalhadas pelo mundo.

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda, não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida.(KARNOPP, 2006, p. 99).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Como a linguagem muda conforme a região, o mesmo acontece com a língua de sinais. Cada região possui uma cultura diferente, logo cada uma delas possui surdos com uma determinada cultura com experiências de vidas diferentes.

### 3. POVO SURDO OU COMUNIDADE SURDA?

Quando se discute este tema, das relações dos surdos com os ouvintes, uma questão é que várias pessoas ouvintes, para marcar esse território conceitual e essa trajetória histórica dos sujeitos surdos, muitas vezes, não conseguem entender os muitos caminhos que conduziram os sujeitos surdos e suas relações culturais. Diferentes autores conceituam o termo “comunidade surda” de forma ampla. Sendo assim, esta definição é usada como sinônimo de grupos de surdos que frequentam associações, escolas e outros espaços. Uma diferença inicial, que merece reflexão, é a diferença conceitual entre “comunidade surda” e “povo surdo”. Para os autores surdos americanos, Padden e Humphries (2000, p. 5):

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.

Ainda, continuando com os mesmos autores, Padden e Humphries (2000, p. 5), estabeleceram uma diferença entre cultura e comunidade, da seguinte forma:

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

De acordo com os autores, dentro na comunidade surda, pode haver sujeitos surdos e ouvintes. Já as pessoas de uma cultura surda comportam-se como surdos e compartilham das mesmas crenças de surdos entre si, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo. A comunidade surda não é composta somente de indivíduos surdos. Fazem parte da comunidade surda diferentes ouvintes, como: familiares, amigos, intérpretes, professores, entre outros. Eles pertencem a comunidade surda, pois participam e compartilham de interesses comuns em uma determinada localização, geralmente em associações, federações, igrejas, etc.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No momento em que se pronuncia "povo surdo" se esta inferindo aos surdos que não habitam os mesmos locais, mas sim que estão unidos por um conjunto de sinais éticos de formação visual ou por uma origem, independentemente do nível de evolução linguística, tais como: a cultura surda; a língua de sinais; e outras relações (STROBEL, 2009). Se uma língua transborda de uma cultura, que é um modo de organizar uma realidade de um grupo que discursa a mesma língua como elemento comum, concluí-se que a cultura surda e a língua de sinais seriam referências do povo surdo.

Deve-se ressaltar que muitos sujeitos surdos moram em cidades que não possuem associação de surdos, federações, entre outros, mas que participam de movimentos políticos e culturais e se comunicam por meio da língua de sinais compartilhando das mesmas crenças. Por exemplo: um surdo que mora no interior, na zona rural. Este indivíduo é isolado e não tem contato com a comunidade surda, mas compartilha das mesmas peculiaridades, constrói sua formação de mundo através de objetos da cultura visual, independentemente do grau linguístico, que podem ser os gestos caseiros, sinais que o mesmo cria para se comunicar com pessoas próximas (STROBEL, 2009).

Então, o povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo, apesar de não pertencerem às mesmas comunidades surdas (STROBEL, 2009, p. 39).

Existe inúmeras situação em que o povo surdo se sente excluído das comunidades ouvintes devido às representações sociais "normalizadoras" que dificilmente aceitam a cultura do povo surdo. Muitas vezes, eles se encontram nas comunidades ouvintes, mas não compartilham da mesma cultura, pois pode ocorrer uma experiência diáspora: o deslocamento de sujeitos surdos à comunidade surda. Silva (2000, p. 41) explica o conceito de "diáspora":

Dispersão, em geral forçada, de um determinado povo por lugares diferentes do mundo. Na análise pós-colonialista, destacam-se a diáspora dos povos africanos, causada pelo comércio escravagista, e o movimento contemporâneo de migração - visto como uma diáspora - dos povos das antigas colônias europeias para suas antigas metrópoles. Nessa análise, a existência de uma suposta identidade diaspórica está relacionada à noção antiessencialista de hibridismo.

Hall (2003 apud STROBEL, 2009, p. 415), comenta que conhecia a Inglaterra de dentro,

[...] mas não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda. muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade.

Na maioria das vezes a formação de identidades surdas é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo "povo surdo", que ocorre após o momento em que os sujeitos surdos se encontram com os outros membros surdos dentro das comunidades surdas. Esta transmissão acontece de modo espontâneo. Pode-se afirmar, inclusive, que o deslocamento do povo surdo e a comunidade surda, ajudaram na formação de suas identidades, assim como afirma Hall (2003, apud STROBEL, 2009, p.433):

[...] mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar

Os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, se motivam mais a valorizar a sua condição cultural, a ter mais orgulho e autoconfiança na sua construção de identidade. Ingressando em uma relação intercultural, podem iniciar um caminho onde são respeitados como sujeitos "diferentes" e não como "deficientes". A estudante, atualmente doutoranda Pinto (2001, p.39 40), mostra isso:

Ser surdo, judeu, negro, índio, enfim, ser diferente dos demais configurados como normais na concepção patológica da medicina não mais deve ser motivo de isolamento, exclusão social, estigma, preconceito, mas sim, este é o momento propício para que ocorra uma mudança profunda na visão e costumes dos povos, fazendo com que os diferentes se fundam ao contexto sócio-histórico e se tornem nada mais e nada menos do que sempre foram não só aos olhos da natureza, mas também aos olhos daquilo que todas as religiões definem com Deus: iguais.

Quando se fala dos sujeitos surdos que residem no Brasil, que utilizam a mesma língua de sinais, que possuem costumes, história, tradições em comuns e interesses, está-se fazendo referência ao Povo Surdo do Brasil!

#### **4. A relação surdo-ouvinte**

Através das relações sociais que se toma conhecimento das regras de conduta necessárias para viver em sociedade. Surdos e ouvintes são atores sociais que estão, constantemente, interagindo uns com os outros em contextos culturais e sociais. Na interação social, se percebe outras pessoas e situações sociais e, baseando-nos nelas, elaboram-se ideias sobre o que é esperado e os valores e crenças e atitudes que a ela se aplicam (Johnson, 1997). A relação social diz respeito à conduta de



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações. Na ação social, a conduta do agente está orientada significativamente pela conduta de outro ou outros, ao passo que na relação social a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos (que tanto podem ser apenas dois e em presença direta quanto um grande número e sem contato direto entre si no momento da ação) orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado. Desta forma, as relações sociais entre surdos e ouvintes poderão gerar dificuldades de entendimento, uma vez que ambos são usuários de diferentes línguas, e também por que fazem “leituras diferentes do mundo: os surdos fazem uma leitura visual, ao passo que os ouvintes guiam-se muito mais pela audição. Contudo o respeito deve se fazer presente em todas as relações, tanto entre os sujeitos surdos quanto entre os sujeitos ouvintes. As relações sociais entre surdos e ouvintes travam-se num debate da não percepção do outro. Dito de outra forma: a “ignorância” sobre a língua dos sinais e da expressão corporal do outro faz com que os ouvintes por determinadas vezes, deixem de perceber a comunicação que está ao seu lado, a sua frente e no seu cotidiano.

A falta de Políticas Públicas pela segunda língua, faz com que a sociedade ignore a importância de se comunicar em sua mais diversa possibilidade. A crescente interferência das tecnologias, em especial, as altas tecnologias nas comunicações e também da facilidade de se comunicar, há uma crescente dificuldade de entender o outro. Assim se faz na comunicação por sinais, através da Libras, não é diferente. Muitos não entendem a importância da percepção e do respeito para as particularidades do outro. Não basta só comunicar, é preciso perceber a interpretação e compreensão do outro.

Se as escolas alfabetizassem as crianças em Libras também, teria uma maior contribuição social a ponto de melhorar o entendimento entre surdos e ouvintes. A formação em Libras traz um profundo entendimento da comunicação, da leitura de mundo do outro, da percepção da expressão corporal e sentimental do comunicador e um olhar diferenciado de quem é comunicado. Através da Libras, pode-se ter um domínio e uma não negação pelo olhar sobre o outro, pois quando o surdo for visto como diferente e não como deficiente todos ganham; o surdo ganha, pois se integra e se emancipa; e



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os ouvintes ganham pois alargam seu sistema de visão e a sociedade ganha pois são os diferentes que impulsionam as mudanças necessárias para o crescimento e o desenvolvimento de uma comunidade.

### 5 Conclusão

O povo surdo é formado por sujeitos que compartilham dos mesmos costumes, história, tradições em comuns, compartilham mesmas peculiaridades culturais e constroem a sua concepção de mundo através do artefato cultural visual. Os sujeitos surdos podem não habitar o mesmo local, mas estão ligados por um código de formação visual independentemente do nível linguístico (STROBEL, 2009).

Nos dias de hoje, século XXI, é comum ainda, se encontrar várias dúvidas relacionadas ao processo de evolução do povo surdo, devido ao escasso contato com a sociedade ouvinte e as poucas referências na área. O povo surdo possui inúmeros artefatos visuais e uma cultura diversificada. A sociedade ganha e todos ganham quando se consegue respeitar os diferentes, como é o caso dos surdos. A sociedade ouvinte deveria se preocupar em respeitar a cultura surda para que ela, a sociedade, consiga ampliar a sua capacidade de auto desenvolvimento.

### Referencias

- FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna S. **LIBRAS em Contexto** - Livro do Professor/instrutor - Curso Básico. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEE, 2001.
- KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda**. Literatura, letramento e práticas educacionais. Grupo de Estudos e Subjetividade. Educação Temática Digital, v.7, n.2, p. 98-109, jun., 2006.
- LACERDA, C.B.F.; GÓES, M.C.R. (org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000, pp. 51-54.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1.ed. São Paulo: Editora: Terceiro Nome, 2007.
- NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier**..Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=126&layout=abstract>>. Acesso em: 20 de junho de 2016
- PERLIN, G. T. **O lugar da cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- PINTO, P. L. F. **Identidade Cultural Surda na Diversidade Brasileira**. Espaço, Rio de Janeiro, v.16, p. 34-41, 2001.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Vilmar. **Educação de surdos**: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis. Estudos surdos II. pp. 14-37. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SILVA, Angélica. **O aluno surdo na escola regular**: imagem e ação do professor. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000276979>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SKLIAR, C. E. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio